

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE TURISMO**

**Vanicelia Aparecida Rocha**

**Espaços entre nós e os devaneios da razão: hospício, hospitalidade e a arte da loucura**

**Juiz de Fora**

**2023**

**Vanicelia Aparecida Rocha**

**Espaços entre nós e os devaneios da razão: hospício, hospitalidade e a arte da loucura**

Dissertação apresentada ao curso de  
Turismo da Universidade Federal de Juiz  
de Fora como requisito parcial à obtenção  
do título de Bacharel em Turismo.

**Orientador: Prof. Dr. Humberto Fois Braga**

**Juiz de Fora**

**2023**

Vanicelia Aparecida Rocha

**Espaços entre nós e os devaneios da razão: hospício, hospitalidade e a arte da loucura**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Faculdade de Turismo da

Universidade Federal de Juiz de Fora,  
como requisito parcial à obtenção do grau  
de bacharel em Turismo.

### **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Humberto Fois-Braga – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Michelson Kairo Ribeiro Nogueira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Guilherme Augusto Pereira Malta  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Juiz de Fora**

**2023**

### **AGRADECIMENTOS**

Foi um desafio enorme chegar até aqui. Mais uma história de superação dentre tantas outras até alcançar a tão almejada conclusão do curso. Lembro-me do dia em que me dei conta de que havia entrado para uma das melhores universidades de Minas Gerais para mergulhar de cabeça no curso que já me encantava com tratativas que sempre estiveram presentes na minha vida. Através da arte eu sempre fui próxima do Turismo, andam lado a lado na minha caminhada de cantora e universitária e me abriram caminhos e despertaram paixões. Foram muitos desafios e aprendizados, mas sempre com muita determinação e alegria. Às vezes tristeza, ansiedade e medo, mas assim é a vida. No meio do curso me esbarrei com a psicologia e, sempre levei tudo para o lado artístico e emocional, portanto casaram-se no decorrer do caminho. Vivi muita coisa nesse tempo de universitária. Fiz descobertas sobre a minha saúde mental que ainda são recentes para digerir por completo, mas isso me motivou ainda mais a finalizar o curso com chave de ouro e me conhecendo melhor. Através de experiências pessoais

e também vividas academicamente, me encontrei feliz e realizada nesse “finalmente”. Até chegar aqui passei por desmotivação, desorientação e descrença. Mas tive pessoas importantes ao meu lado que me incentivaram e me inspiraram a não desistir. Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre iluminando meus caminhos. Agradeço a todos que me apoiaram de perto e de longe. À minha mãe que sempre apoiou minhas escolhas e fez tudo por mim. Aos meus amigos, que me tranquilizaram e incentivaram durante o processo, assim como minha psicóloga Raquel, que através de nossas sessões de terapia me inspirou ainda mais a acrescentar e enxergar de formas abrangentes o tema do trabalho (mesmo que falando sobre mim). Aos professores do curso que me prepararam e proporcionaram experiências necessárias e, em especial, ao professor Humberto, que me devolveu o brilho e entusiasmo de finalizar esse curso, me inspirando e apoiando durante todo o processo, demonstrando sensibilidade, paciência e responsabilidade com um tema e trabalho tão importantes para mim. Foi muito importante e especial saber que não cheguei até aqui sozinha e, sou muito grata e orgulhosa dessa trajetória.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1: Quem são os loucos... não somos todos?.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 2: Conhecendo os espaços que os muros escondem.....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 03: Nos corredores da história: por trás dos muros do esquecimento e a busca pela salvação do Museu da Loucura de Barbacena (MG).....</b>	<b>17</b>
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>22</b>
<b>Referências</b>	<b>23</b>
<b>Bibliográficas.....</b>	

# ESPAÇOS ENTRE NÓS E OS DEVANEIOS DA RAZÃO: HOSPÍCIO, HOSPITALIDADE E A ARTE DA LOUCURA

**Vanicelia Aparecida Rocha**

**Resumo:** Este trabalho aborda a experiência da loucura no contexto brasileiro, tendo como base o livro "Holocausto Brasileiro" de Daniela Arbex e a análise do Museu da Loucura em Barbacena. O estudo contextualiza historicamente o tratamento da loucura no Brasil, fundamentando-se em obras de Foucault, Machado de Assis e Maura Caçado. Aprofunda-se na narrativa de Arbex, destacando os horrores do Hospital Colônia em Barbacena. Analisaremos, ainda, o Museu da Loucura, conectando-o a diferentes perspectivas através de documentários, reportagens e obras cinematográficas. Propondo uma reflexão sobre o mal-estar do leitor e do visitante como meio de sensibilização aos conceitos de loucura e hospitalidade. Ao explorar a experiência do museu, este trabalho busca contribuir para uma compreensão mais empática da loucura, desafiando estigmas e promovendo uma visão inclusiva da condição humana transformando o leitor e colocando-o dentro dos muros, junto ao "depósito de desafetos".

**Palavras-chave:** Loucura, Hospitalidade, Hospício, Humanização.

**Abstract:** Este trabalho aborda a experiência da loucura no contexto brasileiro, tendo como base o livro "Holocausto Brasileiro" de Daniela Arbex e a análise do Museu da Loucura em Barbacena. The study historically contextualizes the treatment of madness in Brazil, based on works by Foucault, Machado de Assis and Maura Caçado. It delves deeper into Arbex's narrative, highlighting the horrors of the Colony Hospital in Barbacena. We will also analyze the Museum of Madness, connecting it to different perspectives through documentaries, reports and cinematographic works. We propose a reflection on the unease of the reader and the visitor as a means of raising awareness of the concepts of madness and hospitality. By exploring the museum experience, this work seeks to contribute to a more empathetic understanding of madness, challenging stigmas and promoting an inclusive vision of the human condition by transforming the reader and placing them within the walls, next to the "depository of disaffected".

**Keywords:** Madness, Hospitality, Hospice, Humanization.

7

## **Introdução**

No contexto acadêmico, a abordagem da hospitalidade e loucura oferece uma perspectiva única e interdisciplinar que amplia o entendimento das relações humanas em espaços de cura e reclusão. Esta análise proporciona insights apreciáveis para estudantes e pesquisadores, enriquecendo o debate sobre a interseção entre saúde e cultura. O objetivo deste trabalho trata de expor a ligação entre hospitalidade e loucura, explorando como a experiência em espaços relacionados à saúde mental influenciam a percepção e a prática da hospitalidade, bem como seu impacto na sociedade contemporânea.

Este trabalho traz uma perspectiva atual, pois busca unir o interesse pela arte, saúde mental e psicologia, onde a vivência e interesse pessoal contribuem com a autenticidade e profundidade especial da pesquisa. Ao abordar a interseção entre hospitalidade e loucura a partir dessa perspectiva, pretende-se oferecer uma visão mais sensível e humanizada do tema.

No primeiro capítulo deste trabalho, trataremos da loucura, seus conceitos e a necessidade e falta da humanização. O que seria o normal e a loucura? Discutiremos sobre a obra "Hospício é Deus" (de Maura Cançado, 2015) aliada à evolução da psiquiatria ao longo do tempo. No segundo capítulo traremos uma revisão teórica e documental dos hospícios, demonstrando como os argumentos e objetos da pesquisa se inter-relacionam. São poucas as brechas de transição entre mundo externo e interno, sendo um espaço quase suspenso no tempo. Consequentemente, iremos abordar o quanto as pessoas estão subjugadas, onde há um controle do corpo do Outro e uma ênfase à hostilidade. Daremos destaque ao filme "Nise: o coração da loucura" (direção de Roberto Berliner, 2015). No terceiro capítulo, será destacada a historicidade da psiquiatria em Barbacena (MG), a partir da obra "O Holocausto Brasileiro" (de Daniela Arbex, 2018) e do Museu da Loucura, trazendo uma reflexão humanizada sobre o Outro e o Corpo do Outro por meio de diferentes perspectivas.

A pesquisa será conduzida por meio de uma abordagem bibliográfica e documental, centrada na análise crítica e na síntese de fontes relevantes. A seleção das fontes primárias e secundárias é baseada em critérios de relevância e qualidade. Iremos analisar como diferentes autores e fontes abordam o tema, promovendo uma visão abrangente e multidimensional do assunto. A triangulação de diferentes fontes e teorias proporcionará

8

uma análise mais rica e contextualizada da relação entre hospitalidade e loucura. Essa proposta ensaística é um meio de expressão mais aprofundado e filosófico para a fundamentação da pesquisa. O formato de ensaio acadêmico contribui para uma análise crítica, argumentativa e expositiva, problematizando os conceitos da loucura e explorando a hospitalidade através de uma linguagem simplificada e um julgamento pessoal através de investigações e também de reflexões subjetivas.

Por fim, os insights obtidos a partir da revisão bibliográfica serão utilizados para

fundamentar as discussões e conclusões apresentadas no trabalho, proporcionando uma contribuição, que esperamos ser significativa, para a compreensão desse tema complexo e relevante.

## **Capítulo 1: Quem são os loucos... não somos todos?**

O que é ser louco? Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, "louco" pode ser tanto um adjetivo quanto um substantivo masculino. Refere-se àquele ou àquilo que perdeu a razão ou apresenta distúrbios mentais, podendo ser associado a termos como "alienado", "demente", "maluco", "orate", entre outros. Além disso, o termo também pode descrever comportamentos absurdos, exagerados e contrários ao senso comum, sendo sinônimo de palavras como "insensato", "temerário" e "tolo". Dessa forma, o conceito de "louco" abrange uma gama de significados, desde a perda da razão até a manifestação de comportamentos fora do habitual, revelando a complexidade e a diversidade de interpretações associadas a essa palavra (Priberam, 2008-2023).

A loucura, muitas vezes, é relegada a um estado de confinamento, sendo vista como ininteligível e destituída de sentido. O saber médico, ao se apropriar da noção de loucura, concebe-a como desrazão, criando assim a semente da dicotomia entre o que é considerado normal e o que é classificado como patológico. Essa dualidade se estabelece como um pilar "legitimador" das práticas voltadas para a "eliminação" do que é rotulado como "insanidade" (Foucault, 1961, p.165-176; 1992, p.113-128).

Segundo Silvana Carneiro Maciel (2007), ao longo da história, a sociedade costumava afastar e marginalizar pessoas com problemas de saúde mental, considerando-as diferentes e fora do padrão "normal". Esse estigma refletia no tratamento, que muitas vezes incluía rotulação, uso de medicamentos e confinamento em instituições psiquiátricas. Apesar de ainda existir essa visão, hoje em dia há uma nova perspectiva que reconhece o doente mental como um membro pleno da sociedade, com direitos humanos a serem

9

respeitados. Isso indica uma nova chance de reintegrá-los à família e à sociedade, por meio de tratamentos focados na comunidade, longe do ambiente hospitalar.

A compreensão da loucura é uma questão complexa até hoje, já que, para entendê-la, é essencial contextualizá-la em relação ao que é considerado "normal" pela sociedade. A evolução desses conceitos ao longo do tempo vem sendo explorada, destacando como as definições de normalidade e loucura são socialmente construídas e sujeitas a mudanças culturais e científicas. São vários os estigmas associados à loucura, o que influenciou ao longo dos anos a busca pela humanização no tratamento.

A evolução da psiquiatria ao longo dos séculos reflete as transformações culturais e científicas que contribuíram com o desvendar da chamada "loucura". A princípio, falar sobre saúde mental era enraizado à uma crença de magia e superstição, em que "a loucura é uma expressividade do sujeito envolta em mistério" (Silveira; Simanke, 2009, p.27). No entanto, ao irmos mais à fundo, vemos que a loucura não é apenas um estado mental, mas também uma maneira pela qual um indivíduo se expressa. Pode-se interpretar que a loucura é uma forma de manifestação e que essa expressão pode ser complexa e difícil de entender completamente.

Ao decorrer do tempo foi-se percebendo a importância de perspectivas científicas, e a partir daí tudo começou a ser questionado. Deste modo, surgiram os primeiros hospitais psiquiátricos que tinham como objetivo estudar, entender e curar essas pessoas doentes mentais. O que sabemos que não foi exatamente assim. Haviam: o alienista e os alienados. É onde Machado de Assis (1994 [1882]) nos apresenta, brilhantemente através de seu conto "O alienista", as várias reviravoltas de hospícios, buscando entender e definir o que é loucura. Onde tudo se tratava não só de ciência, mas do ponto de vista e postura. E, afinal de contas e no final do conto, o louco era quem considerava todos loucos.

Maura Lopes Cançado (1979)<sup>1</sup>, no seu diário "Hospício é Deus", desafia a concepção convencional da loucura quando afirma, de outro ponto de vista, de quem está entre a loucura e é considerado louco, que não existem loucos, mas pessoas altamente sensíveis. Essa afirmação transcende a visão rotulada e patologizante, muitas vezes associada à saúde mental. Cançado nos propõe uma perspectiva que enfatiza a

<sup>1</sup>Maura Lopes Cançado (1929-1993) foi uma escritora brasileira, reconhecida por sua obra "Hospício é Deus", publicada em 1979. Natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, Cançado enfrentou desafios pessoais relacionados à saúde mental ao longo de sua vida. Sua obra é um relato autobiográfico baseado em suas experiências em um hospital psiquiátrico, oferecendo uma perspectiva íntima e impactante sobre a realidade dos pacientes nesse contexto. O livro de Maura Lopes Cançado é considerado uma significativa contribuição para a compreensão das questões de saúde mental no Brasil e foi uma das inspirações para este trabalho.

sensibilidade como um componente natural da experiência humana, contando-nos de uma forma única o que é estar em um hospício como uma paciente. Os relatos apresentados pela autora, permeados pela sensibilidade e perspicácia, proporcionam um olhar crítico sobre o universo dos hospícios e da loucura, revelando as fragilidades e potencialidades das relações humanas nesse contexto, o que nos leva a refletir a todo momento o conceito do que é ser louco. Assim como qualquer doença, cada sujeito apresenta seus próprios sintomas, não há regras padronizadas, assim como a cura também não é a mesma para todos. Por isso a importância de conhecer, se importar e tratar como gente, quem é gente. Cada história é uma história e cada sintoma possui uma fonte totalmente ímpar no inconsciente. Quantas pessoas inteligentíssimas, artistas, incompreendidas, foram erroneamente consideradas perigosas e

incapazes de conviver em sociedade? A desumanidade e o padrão estereotipado do que é certo ou errado as tornaram socialmente loucas.

Conforme mencionam Silveira e Simanke (2009), há o surgimento de uma nova visão perante a loucura que passa de doença mental para desculpa de pessoas que oferecem “risco para a sociedade”, além da imposição de poder e exclusão. As pessoas que oferecem comportamentos considerados não éticos e vulgares devem ser marginalizadas, o que segundo Foucault (1997[1961], p. 107) explica “uma experiência moral do destino que serve, no fundo, de solo para nosso conhecimento ‘científico’ da doença mental” (*apud* Silveira; Simanke, 2009, p. 29).

Somos instáveis e sujeitos às emoções. Todos nós. Alguns de forma mais intensa e fora da linha. Poder expressar e aproveitar o tempo livre é uma dádiva da vida. É viver e se cuidar.

O diário de Maura Cançado, intitulado "Hospício é Deus", proporciona uma visão única e pessoal sobre o universo dos hospícios. A obra é uma crônica sensível e perspicaz da experiência de ser uma paciente em um ambiente psiquiátrico. Os relatos de Maura oferecem uma perspectiva íntima sobre as complexidades e desafios enfrentados pelos internos, destacando a importância de ouvir e valorizar as vozes daqueles que vivenciam a loucura em primeira mão. A autora considerava-se uma criança especial. Reconhecia ser privilegiada e amada pelos pais. Viveu uma infância intensa, marcada por traumas e acontecimentos assustadores para uma criança. Segundo o que ela conta no decorrer de seu diário, guardava tudo para si e não sabia lidar. Ao mesmo tempo, não se considerava uma pessoa normal. O mundo das pessoas era fácil e o dela sempre problemático e difícil. Maura se sentia diferente, excluída, melancólica e negativa quando dizia “Desde menina

11

experimentei a sensação de que uma parede de vidro me separava das pessoas. Podia vê-las, tocá-las - mas não as sentia de fato” (Cançado, 1979, p. 27). Ela se entendia como louca, mas se sentia incompreendida e a maioria ao seu redor também não queria compreendê-la. Com isso, decidiu se internar. Era muito inteligente e queria buscar respostas através de profissionais que, muita das vezes, demonstravam ser mais ignorantes que os pacientes. Maura (1979) faz diversas reflexões interessantes que nos induz a buscar uma compreensão de seu mundo quando expressa:

O que me assombra na loucura é a distância – os loucos parecem eternos. Nem as pirâmides do Egito, as múmias milenares, o mausoléu mais gigantesco e antigo, possuem a marca de eternidade que ostenta a loucura. (...) O louco é divino na minha tentativa fraca e angustiante de compreensão. É eterno. (...) (Cançado, 1979, p. 28).

A autora escreve sua vida no diário como se estivesse conversando com alguém. Isso nos leva a observar a técnica que até hoje é indicada em casos psicológicos: a arte e a escrita. Isso nos leva a pensar: como naquela época, sozinha, Maura descobriu uma das melhores formas de regulação emocional?

A autora vive um dilema religioso que também a perturba. Afinal de contas, o que é hospício? “Hospício é não se sabe o que, porque Hospício é Deus”. (Cançado, 1979, p. 30). Sua relação com o divino desde pequena a deixava pensativa, cansada, procurando evidências, procurando sentido. Sempre pensando e pensando. Deus era quem Maura considerava misterioso, de quem ela tinha medo, ensinada pelos adultos. Mas, também era o grande salvador de todos. E, por isso, ela buscava entender onde estava Ele.

Uma mente brilhante e incompreendida até por si mesma. Porém, poucos tinham tanta sabedoria e apoio na época quanto teve Cançado. Apesar de seus privilégios, ela fez história. Ela explica sua motivação de se internar quando diz: “Vim sozinha. O que me trouxe foi a necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo” (Cançado, 1979, p. 30). Pois, sendo assim, não fomos todos loucos, ao menos uma vez? E o conceito de loucura segue causando pensamentos desenfreados, preconceitos e ignorância.

A saúde mental não existe. Somos marcados pelo resto da vida por tudo que nos acontece a cada dia. Nada some, tudo está recalcado, tudo nos faz ser como somos. E disso não há como fugir, curar ou prever. Tanto nos ensina este diário, que podemos observar até mesmo a sanidade dos psiquiatras e funcionários. Pois, estaria saudável mentalmente quem assiste o horror da fome, agressão e desumanidade sem sequer se revoltar? “O nada é um

12

rio parado de olhar perdido. Não creio, mas se cresse seria bonito. Não creio, e tenho o nada e o hospício” (Cançado, 1979, p. 60).

As questões de hospitalidade e até mesmo humanidade nos levam à questão de que, todos os doentes são tratados como enfermos, menos os que são doentes mentais. Afinal, há alguma culpa de serem assim e fazerem o que fazem? A loucura não passa de uma alta sensibilidade. De um sentir, ver e pensar diferente da maioria. É um mundo particular. Para alguns refúgio e para outros perturbador.

Nos relatos do diário vemos como coisas simples do cotidiano poderiam ser levadas em consideração nos hospitais psiquiátricos. O fato de incentivar a autoestima das mulheres já era algo que as ajudava a se reconhecerem para além de seus transtornos. O ato de se cuidar, curava e distraía. Um simples ato de empatia e humanidade.

## **Capítulo 2: Conhecendo os espaços que os muros escondem**

As manifestações artísticas e culturais sempre tiveram o poder de capturar nuances da experiência humana de forma única. De forma que através de filmes, livros, músicas e reportagens é que se foi/é mostrado ao resto do mundo “de fora” os horrores que aconteciam/acontecem dentro dos hospícios e outros espaços fechados de “tratamento” e “readequação social”, definidos por Foucault como “instituições disciplinares” até pouco tempo atrás. Através disso, o impacto do horror que morava ao lado, mas estava distante dos olhos e da compreensão, a psiquiatria e a arte sempre se interessaram uma pela outra. O cinema foi extremamente importante até mesmo como técnica psicoterápica para ensino, mas o ponto que iremos tratar é, como através do filme “Em nome da razão”, de Helvécio Ratton, lançado no ano de 1979, a história dos manicômios foi assistida, temida, julgada e mudou o rumo da psiquiatria e suas instituições, escandalizando os horrores e contribuindo com o ato antimanicomial.

Já o filme "Nise: O Coração da Loucura", dirigido por Roberto Berliner, com lançamento no ano de 2016, se destaca como uma peça fundamental em nossa análise. A trajetória da Dra. Nise da Silveira, psiquiatra brasileira, contribui não apenas como um testemunho pessoal de uma história comovente e necessária, mas como uma conexão entre a racionalidade científica e a sensibilidade humana no contexto dos hospícios, tornando-se referência para muitas outras histórias (inclusive é citada no diário de Maura Cançado e também em obras que têm a mesma tratativa de contar sobre a vida do lado de dentro do hospício).

13

Tais hospícios viraram palco de desumanidades e marcaram a história da psiquiatria, o que ocasionou a necessidade e o movimento de reformas e transformações na abordagem de tratamentos da loucura. Onde entender e curar a loucura ficou em último plano, em primeiro estavam as punições por ser diferente, incômodo, desobediente e visualmente desagradável. Tudo isso delineou um percurso complexo, às vezes imaturo e multifacetado na busca pela compreensão e humanização do cuidado à saúde mental.

A hospitalidade, enquanto indissociável à experiência humana, refere-se não apenas ao simples acolhimento e cuidado, mas também à empatia e, principalmente, respeito aos direitos humanos. Este conceito, indispensável em ambientes de convivência na essência do turismo, encontra na dinâmica dos espaços de cura e reclusão, mais especificamente nos hospícios, um campo fértil para sua análise e compreensão. Pois, trata-se da questão dos olhares de fora e da indignação com o que é ruim e desumano. Neste contexto, a presente pesquisa almeja se aproximar ao máximo dessa temática, refletindo sobre explorar a interseção entre a loucura e a humanização nos contextos hospitalares.

A noção de hospitalidade, frequentemente utilizada na área de gestão hoteleira, é

discutida por Camargo (2002) como sendo ambígua devido ao contágio semântico com outros termos etimológicos. Além de sua aplicação no contexto hoteleiro, o termo também pode ser associado a conceitos como hospício, hospital, hostilidade e hóstia (*apud* Plentz, [s.d], p.3).

A hospitalidade é uma relação entre hóspede e anfitrião. No caso das clínicas psiquiátricas, o hóspede é o doente, o alienado, o “doido”, enquanto o anfitrião é o corpo médico, o alienista e sua equipe, o “normal”. O que o anfitrião oferece ao hóspede, neste caso, mais do que uma proteção (o que é normalmente o objetivo da hospitalidade), é a promessa de uma cura - às vezes, não para o paciente, mas para os responsáveis por estes sujeitos.

Michel Foucault (1975), em sua notável contribuição ao pensamento filosófico e histórico, introduziu o conceito de "instituição disciplinar" para descrever organizações ou estruturas sociais cujo propósito é regular, normalizar e controlar os comportamentos e corpos individuais. Em sua obra "Vigiar e Punir", Foucault examina minuciosamente como essas instituições operam por meio de práticas de vigilância, treinamento e normalização, moldando assim o comportamento das pessoas de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade.

O controle e disciplina do corpo, conforme analisado por Foucault (1975), abrangem não apenas a regulação dos movimentos físicos, mas também a influência sobre

14

comportamentos, hábitos e subjetividades dos indivíduos. Isso se dá por meio de técnicas e procedimentos que buscam criar indivíduos dóceis, conformes às normas e expectativas sociais.

A interação entre instituições disciplinares e o conceito de hospitalidade adquire particular relevância em ambientes como hospitais psiquiátricos e instituições de saúde mental. Nestes contextos, observa-se a expressão prática desse controle disciplinar sobre os corpos dos pacientes. Estes são submetidos a rotinas de tratamento rigorosas, protocolos de monitoramento e intervenções terapêuticas, visando não apenas à recuperação de sua saúde, mas também à conformidade com os padrões estabelecidos pela instituição. Dessa maneira, a noção de hospitalidade nessas instituições pode ser interpretada como um meio de exercer esse controle disciplinar sobre os corpos dos pacientes, mesmo sob o pretexto de fornecer cuidado e tratamento.

Nós somos influenciados pela sociedade e suas regras, não só pelas leis, mas também pela forma como as pessoas agem e falam ao nosso redor. Isso afeta como nos comportamos e nos sentimos em relação ao nosso corpo. É como se estivéssemos em uma espécie de “campo de influência”, onde o que é considerado certo ou errado é moldado pela sociedade.

O livro “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex (2013), conta detalhadamente os

horrores e toda a história de pessoas que não poderiam ser esquecidas e que mereciam ter tido uma vida digna. Pelo nome, já notamos o impacto e prevemos o teor da gravidade de tudo que já aconteceu com pessoas mal compreendidas, marginalizadas e excluídas do convívio em sociedade por serem diferentes da maioria ou simplesmente julgadas como desprezíveis e entregues ao terrível hospício de Barbacena. A esta obra que retrata a história dos hospícios de Barbacena, ao longo do século XX, retornaremos no capítulo seguinte.

Ao apresentar o Hospital Psiquiátrico Vera Cruz de Sorocaba, o programa Conexão Repórter (Rede Globo, 2012) nos transporta para a contemporaneidade, proporcionando um vislumbre da realidade atual desses espaços de tratamento. Essa incursão nos permite estabelecer uma comparação crucial entre o presente e o passado cruel retratado nas páginas do livro de Daniela Arbex. Dessa forma, somos instigados a refletir sobre a evolução das práticas e políticas de saúde mental ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo, a reportagem de Marcos Garcia (2012) nos oferece uma janela para a influência das representações midiáticas na forma como a sociedade percebe e compreende a saúde mental. A imagem projetada pelo programa não apenas informa, mas

15

também molda a opinião pública sobre a condição dos pacientes psiquiátricos e a qualidade da assistência que recebem. Portanto, é imprescindível questionar como tais representações impactam não apenas a percepção, mas também a atitude e o tratamento dispensado aos indivíduos que enfrentam transtornos psiquiátricos. Essa análise crítica é essencial para promover uma abordagem mais compassiva e justa em relação àqueles que necessitam de cuidados em saúde mental.

O programa mostra seres humanos em tratamento passando fome e até mesmo morrendo de frio. Sobrevivendo entre fezes e implorando por comida e dignidade. O que parece um filme de terror foi a realidade de muitos, por muito tempo, talvez pela maior parte de suas vidas. A agressividade é cultivada, a prática sexual é rotineira, a tortura é assustadora. Contra pessoas que não possuem a mínima condição de se defenderem. Abandonados e humilhados. Óbitos, desaparecimentos... tudo maquiado e planejado. O nível de degradação é absurdo. É impossível alcançar a recuperação nessas condições.

No Brasil, há um histórico problemático que envolve as instituições associadas a hospitais psiquiátricos. Infelizmente, algumas cenas de cinema são facilmente comparadas à realidade.

O cinema oferece uma perspectiva verdadeiramente singular ao explorar como a arte pode ser uma poderosa ferramenta de expressão e terapia para os pacientes. Os filmes “Nise - o coração da loucura” e “Em nome da Razão” ressaltam o potencial transformador da criatividade no processo de busca pela saúde mental e, mais ainda, na ruptura dos estigmas

que cercam as questões psiquiátricas. Através das telas e pincéis, os pacientes encontram uma voz, uma maneira de comunicar suas emoções e experiências, transcender suas próprias limitações e, de certa forma, recuperar parte de sua identidade perdida.

Esta abordagem, centrada na expressão artística como uma forma de humanizar o tratamento psiquiátrico, revela a importância de adotar práticas que valorizem a individualidade e o potencial criativo dos pacientes. Ao invés de degradar os indivíduos a mera condição clínica, a arte proporciona uma via de reconexão com sua própria humanidade.

O filme "Nise: O Coração da Loucura" apresenta a notável trajetória da Dra. Nise da Silveira, uma psiquiatra brasileira que desafiou as práticas tradicionais de tratamento psiquiátrico. Ao adotar abordagens inovadoras, como a arteterapia e a interação com animais, Nise demonstrou que a humanização do cuidado é essencial para a recuperação e reintegração dos pacientes. Na cena onde Nise organiza uma oficina de artes plásticas em que os pacientes têm a oportunidade de criar obras de arte usando diferentes materiais e

16

técnicas, os pacientes escolhem o que querem pintar. Uns desenham na parede, outros no papel, outros se encontram na arte de modelar o barro... são diferentes formas de se sentirem livres, felizes e se expressarem. A agressividade dá espaço à tranquilidade, onde até o paciente mais temido por ser agressivo se deixa levar pela vontade de cuidar da sua criança interior, brincando e se “desarmando”, abandonando a sua armadura de proteção e se sentindo amado e seguro. Essa cena demonstra como a arte pode ser uma ferramenta poderosa na reabilitação de pacientes com transtornos mentais. Ao fornecer um ambiente criativo e encorajador, Nise permite que os pacientes explorem sua criatividade e expressem suas emoções de maneira positiva. Isso ajuda a promover a autoestima e a confiança dos pacientes.

A obra aborda, além de tudo, o machismo e a diferença nos métodos adotados para tratar os pacientes, pontuando o contraste entre a violência e a compreensão. O toque feminino e humanizado de Nise ressalta a importância das atividades lúdicas para que cada paciente possa se expressar e se sentir acolhido e bem tratado. A terapia ocupacional ajuda a acreditarem e sentirem com certa liberdade, de uma forma individual. Os pacientes se aliviam de um ambiente triste através da arte, do passeio, sentindo a natureza, contemplando o sol, se olhando no espelho e saindo do quarto escuro e frio onde passam todos os seus dias.

Na cena da “roda de choro”, Nise reúne os pacientes em uma atividade terapêutica, onde eles têm a oportunidade de expressar suas emoções por meio da música. Nesta cena, ela destaca a importância da expressão artística como uma forma de terapia e promove a inclusão social dos pacientes, permitindo que se expressem de maneira não verbal.

Aqueles que antes se expressavam através da raiva e de estímulos cruéis de pessoas más - que ao invés de cuidarem, provocavam negativamente e os ignoravam - agora, com

amor e humanidade se expressam de forma pacífica sem ferir outras pessoas, mas se aliviando e se encontrando em momentos livres, aproveitando a pouca liberdade que é oferecida. Tendo estímulos que permitem desfrutar de um lazer, os pacientes do hospital psiquiátrico se sentem mais amados e felizes em poderem se expressar. Começam a observar e até entender um pouco melhor suas emoções.

Ao reunir o livro de Daniela Arbex, a reportagem do programa Conexão Repórter e o filme de Helvécio Ratton, conseguimos traçar um panorama completo e enriquecedor da evolução das práticas em saúde mental ao longo do tempo. Essa análise aprofundada não apenas nos proporciona uma compreensão mais abrangente das complexidades que envolvem a interseção entre hospitalidade e saúde mental, mas também destaca a

17

importância crítica de abordagens inclusivas e compassivas em espaços como o Museu da Loucura. Assim, nosso estudo se torna não apenas um olhar retrospectivo, mas também uma chamada à ação para visionar um futuro mais humano e empático para aqueles que enfrentam desafios de saúde mental.

### **Capítulo 03: Nos corredores da história: por trás dos muros do esquecimento e a busca pela salvação do Museu da Loucura de Barbacena (MG)**

O "Holocausto Brasileiro", obra de Daniela Arbex, dá voz a um capítulo sombrio da história da saúde mental no Brasil. Ao mergulhar nas páginas deste livro, somos confrontados com um relato minucioso e comovente das condições desumanas enfrentadas pelos pacientes do Hospital Colônia em Barbacena, Minas Gerais. Arbex (2013) não apenas documenta os aspectos clínicos dessas vivências, mas também discorre uma narrativa de ética e humanismo, resgatando as vozes silenciadas daqueles que sofreram nesse sistema desolador.

A obra destaca não apenas a negligência institucional, mas também a violação dos direitos humanos que permeava esse cenário. A análise de Arbex vai além dos diagnósticos e tratamentos, adentrando na essência das implicações éticas e morais de uma prática tão desumana. Ao trazer à tona essa dolorosa realidade, o livro nos desafia a confrontar não apenas o passado, mas também a considerar como as lições aprendidas podem moldar nosso presente e futuro.

O relato angustiante apresentado por Daniela Arbex (2013) nos relata que nos períodos de maior lotação, a cada dia, dezesseis vidas eram ceifadas dentro dos muros do Hospital Colônia. Estas vítimas eram subjugadas pela invisibilidade, suas mortes representando uma perversa fonte de lucro. Esse abismo de desumanidade, no entanto, não

se limitava ao silêncio dos corredores. A crueldade atingia um grau ainda mais apavorante. Entre os anos de 1969 e 1980, a obscenidade atingiu proporções inimagináveis. Nesse intervalo, 1.853 corpos de pacientes foram comercializados, uma macabra transação que ocorreu sob o olhar impassível da sociedade. Faculdades de medicina de dezessete instituições ao redor do país adquiriam cadáveres, e a insensibilidade era tal que, quando o mercado saturou, os corpos restantes eram dissolvidos em ácido, em um grotesco espetáculo diante dos próprios pacientes. Nesse nefasto comércio, a vida era o que menos importava. A ganância e a desumanização alcançavam seu ápice. O título do livro não se dá atoa. É necessário coragem para encarar todas essas verdades. No hospício, um lugar que

18

deveria ser sinônimo de cuidado e tratamento, a humanidade era, paradoxalmente, expropriada. O paciente perdia sua identidade, sua humanidade, tornando-se apenas um número em uma lista macabra (Arbex, 2013).

Os números desse genocídio não podem ser desprezados à estatística. Sessenta mil almas perderam suas vidas no Hospital Colônia. Cada um desses óbitos representa um universo de sonhos desfeitos, de potenciais desperdiçados. As quase oito décadas de horror fizeram parte de um período conturbado na história do país, no qual a loucura dos chamados "normais" dizimou, impiedosamente, duas gerações de inocentes.

*Fotografia 1 – Silvio, menino que foi confundido com cadáver.*



*Fonte: ARBEX (2013)*

Ao relacionar as narrativas contidas em "Holocausto Brasileiro" com a experiência proporcionada pelo Museu da Loucura, emergem questões cruciais sobre a representação e memória das vivências de saúde mental. Como sociedade, somos confrontados com a

responsabilidade de preservar e transmitir essas histórias, garantindo que nunca se repitam os horrores do passado. A reflexão crítica sobre esse legado é um convite à transformação, à humanização dos cuidados em saúde mental e à promoção de espaços de acolhimento e respeito para todos os indivíduos, independentemente de sua condição. “Eles, que foram chamados de ‘doidos’, denunciam a loucura dos ‘normais’” (Arbex, 2013, p. 13).

Na tentativa de materializar e preservar a memória desses espaços de cura e reclusão, surge, em 1996, o Museu da Loucura, situado em Barbacena, Minas Gerais, por iniciativa de uma parceria entre a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais

19

(Fhemig) e a Fundação Municipal de Cultura de Barbacena (Fundac), atualmente gerido por Lucimar Pereira. Este espaço, que já foi palco de inúmeras histórias e dores, hoje se apresenta como um testemunho palpável da complexidade que envolve a experiência da loucura. Ocupando o antigo prédio Torreão, o museu, não só pelo seus objetos mas também através de suas paredes, transmite os ecos do passado, provocando uma reflexão sobre o tratamento e a percepção dos indivíduos que ali viveram e até mesmo morreram. O prédio Torreão foi a princípio uma colônia agrícola, antes de ser restaurado para fazer parte dos pavilhões em prol da ampliação do hospital para receber mais pacientes. Sendo escolhido para ser o museu devido sua beleza arquitetônica.

A hospitalidade se entrelaça com a loucura no contexto do turismo (mais especificamente dos atrativos culturais) a partir da perspectiva de que a experiência de visitantes e pessoas que vêm de fora, provoca mal estar e desconforto. A hospitalidade é desafiada quando se trata da experiência em locais relacionados à loucura. O Museu da Loucura e o livro "Holocausto Brasileiro" oferecem perspectivas valiosas sobre a história da saúde mental no Brasil. O museu proporciona uma experiência imersiva, permitindo aos visitantes explorar os espaços e objetos que fazem parte desse passado, enquanto o livro oferece um olhar detalhado e documentado sobre as condições vividas pelos pacientes. Ambos os recursos contribuem para a conscientização sobre a complexidade da loucura, incentivando uma reflexão crítica sobre como os atrativos culturais sensíveis à tal temática podem abordá-la de maneira ética e sensível.

Os visitantes do Museu da Loucura podem enfrentar uma série de desafios emocionais e psicológicos ao confrontar a história e os objetos associados à loucura. A experiência pode provocar desconforto, sensações de tristeza e até confronto com estigmas relacionados à saúde mental. A noção de hospitalidade aqui é desafiada, pois o museu busca acolher os visitantes, ao mesmo tempo em que os confronta com um tema sensível. Portanto, a hospitalidade se manifesta na necessidade de proporcionar um ambiente seguro e respeitoso, ao mesmo tempo em que se permite espaço para a reflexão e o aprendizado. A experiência

do visitante transcende a mera contemplação de artefatos históricos. Deve ser uma jornada sensorial e emocional que, intencionalmente, tangencia a hostilidade. Ao introduzir elementos que desafiam a percepção tradicional de hospitalidade, como exposições de reportagens e denúncias que retratam as condições vividas pelos pacientes e narrativas que confrontam estigmas, busca-se provocar uma empatia visceral.

Ao adentrar os corredores do museu, mesmo que os visitantes são acolhidos por uma ambientação projetada, que busca transportá-los para as décadas passadas, oferecendo

20

uma visão autêntica da vida no hospital psiquiátrico. As salas do primeiro e segundo andar do museu abrigam uma série de exposições, cada uma dedicada a aspectos específicos da história da instituição, com objetos originais que trazem mais proximidade com a história.

Cada exposição é um convite à reflexão, abordando desde tratamentos e condições de vida até avanços médicos e o impacto social do estigma associado à saúde mental. Esses corredores são mais do que meros espaços físicos; são portais que conectam os visitantes às histórias e desafios dos indivíduos que estiveram sob cuidados psiquiátricos. Isso desperta sentimentos de tristeza, choque e incômodo. O contraste entre uma hospitalidade de um ambiente bem cuidado, que fornece educação e conhecimento (alguns dos principais papéis de um museu) com a hostilidade das histórias que são expostas. Um desconforto necessário para que o visitante se aproxime empaticamente dos antigos “hóspedes” (pacientes).

Em meio aos corredores, testemunhos e narrativas pessoais ganham destaque, conferindo uma dimensão humana às estatísticas e fatos históricos. Desde a sala que mostra os equipamentos utilizados para eletrochoque, os objetos utilizados na lobotomia e na técnica do picador de gelo, até outros espaços que expõem objetos pessoais, como bonecas de pano, cachimbos artesanais e o famoso azulão que era o uniforme utilizado pelos pacientes. O que chama a atenção para as bonecas, são os detalhes do dia a dia expressados através delas, como, por exemplo, uma boneca com algemas.

*Figura 2 - captura de tela de um vídeo do YouTube que demonstra os bonecos feitos pelos pacientes com o detalhe das algemas.*



*A imagem foi adaptada do vídeo “Ainda bem que isso não existe mais - MUSEU DA LOUCURA” acessado em 19/11/2023.*

21

A preservação destas vozes individuais destaca a singularidade de cada experiência, promovendo uma empatia profunda entre o visitante e os hóspedes do passado. Além disso, elementos interativos permeiam o percurso, convidando os visitantes a mergulharem nessa visita. Proporcionando experiências táteis e também através de projeções audiovisuais e recursos multimídia que contribuem para uma compreensão mais envolvente e sensorial.

Não se resume à simples observação; espaços estrategicamente posicionados para reflexão oferecem aos visitantes a oportunidade de processar as informações e compartilhar suas próprias reflexões. Tudo isso reforça a missão do Museu da Loucura não apenas como um local de preservação histórica, mas como um espaço dinâmico de diálogo, aprendizado e, acima de tudo, humanidade. O intuito do museu, além do resgate histórico, é também uma reflexão da trajetória da saúde mental. Sensibilizando as pessoas e mantendo viva a história para não se repetir.

Arbex (2013) nos relata detalhes sobre a história do Hospital. Foram pelo menos 60 mil pessoas que morreram no Hospital Colônia, sendo que cerca de 70% não eram pessoas com doença mental, apenas indesejáveis pela sociedade. Isso inclui tantas histórias desconhecidas, tanta dor e tristeza de pessoas que nem sabemos o nome. Uma desumanidade que marcou a todos nós por 8 décadas, e a maior parte do tempo regida por silêncio. A sociedade é responsável por esse horror, por fechar os olhos e calar-se diante de tamanho absurdo. Mulheres, homens e crianças em condições degradantes que agora são parte da história do Museu da Loucura.

A confrontação com o desconforto é crucial para que os visitantes não apenas compreendam, mas sintam a complexidade das experiências daqueles considerados "loucos". Nesse espaço, a dualidade entre acolhida e inquietação se entrelaça para proporcionar uma

imersão profunda no universo dos hóspedes do passado, desafiando preconceitos e promovendo uma compreensão mais ampla da condição humana. Essa abordagem da experiência no museu se torna uma poderosa ferramenta pedagógica, convidando os visitantes a confrontarem não apenas a história, mas também suas próprias percepções sobre a saúde mental e a normalidade. Por meio dessa dinâmica de hospitalidade complexa, o Museu da Loucura se destaca como um espaço de aprendizado e reflexão profunda, capaz de impactar positivamente a forma como a sociedade enxerga e interage com a história e as realidades das pessoas que estiveram sob cuidados psiquiátricos.

22

### **Considerações Finais:**

As obras utilizadas como referência deste trabalho, oferecem uma base teórica e literária essencial para a compreensão da relação entre hospitalidade e loucura. Foucault desafia as concepções tradicionais de instituições psiquiátricas, ressaltando o papel do poder e do controle. Machado de Assis, por meio de "O Alienista", fornece uma visão satírica e provocativa das práticas psiquiátricas da época, convidando à reflexão sobre a natureza da sanidade e da loucura. Já Maura Cançado, com "Hospício é Deus", oferece uma perspectiva íntima e pessoal sobre a experiência de estar internada em um hospital psiquiátrico, proporcionando um contraponto humano e emocional às abordagens mais teóricas.

A relação entre hospitalidade e loucura está em constante transformação, impulsionada por tendências atuais na área de saúde mental e nos cuidados com pacientes. À medida que a compreensão da saúde mental se aprofunda e evolui, identificam-se mudanças significativas na forma como os espaços de tratamento e a hospitalidade são concebidos e administrados atualmente. Espera-se que, no futuro, os ambientes de tratamento sejam cada vez mais acolhedores, inclusivos e adaptados às necessidades individuais dos pacientes. A hospitalidade será uma parte indispensável desse processo, proporcionando não apenas acomodações e serviços adequados, mas também um ambiente que promova o bem-estar emocional e a sensação de pertencimento.

Outra tendência importante é a promoção da autonomia e participação ativa dos pacientes em seu próprio processo de tratamento. Espera-se que os espaços de tratamento futuros incentivem a colaboração e o envolvimento dos pacientes na definição de seus objetivos terapêuticos, proporcionando um senso de controle e empoderamento. Assim como menciona Cançado (1979) em seu diário. Claramente, não é algo viável ou possível para todos os casos. Mas, para os que se interessam, é algo significativo e que afeta diretamente no pertencimento e objetivo de tratamento.

As questões éticas relacionadas à hospitalidade em espaços de tratamento de saúde mental são indispensáveis, pois envolvem o respeito à autonomia e dignidade dos pacientes, bem como o cumprimento de seus direitos humanos fundamentais. O consentimento é um fator essencial na prestação de cuidados em saúde mental atualmente. Os pacientes têm o direito de serem claramente informados sobre os procedimentos, tratamentos e possíveis efeitos colaterais antes de concordarem com qualquer intervenção.

23

É crucial que a comunicação seja adaptada às necessidades individuais, garantindo que todos os pacientes possam participar ativamente no processo de tomada de decisão. Foram anos de muito sofrimento para chegar a esse conceito básico. A dignidade do paciente que antes era completamente ignorada, hoje é um ponto central. Isso envolve o tratamento respeitoso, não discriminatório e empático em todos os aspectos do cuidado.

Hospitais e instituições são diretamente afetados pela legislação e regulamentações, o que exige que eles adotem práticas que estejam em conformidade com as normas estabelecidas. Além disso, as políticas públicas promovem uma mudança de cultura, o que incentiva uma abordagem mais humanizada e centrada no paciente, respeitando a autonomia e a dignidade dos indivíduos.

A leitura do livro "Holocausto Brasileiro" e a visita ao Museu da Loucura em Barbacena nos fazem sentir um desconforto. Essa sensação é como um convite para refletir sobre a loucura e entender melhor as experiências das pessoas.

Ao ler sobre a dura realidade do Hospital Colônia, enfrentamos histórias dolorosas que foram esquecidas. Ao visitar o Museu da Loucura, nos deparamos com o passado desconfortável desse lugar. Essas experiências nos desafiam a questionar nossas ideias preconcebidas sobre saúde mental.

Esse desconforto não é para ser algo ruim, mas uma oportunidade de aprender e crescer. Ele nos faz questionar como a sociedade tratou as pessoas com problemas mentais no passado e como podemos mudar isso no presente. A leitura e a visita são maneiras de testemunhar a história e resistir ao estigma associado à loucura.

## **Referências Bibliográficas**

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ASSIS, Machado de. **O alienista**. São Paulo: FTD, 1994.

Canal: Lugares da nossa região. **Ainda bem que isso não existe mais - MUSEU DA LOUCURA**. 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qL6gDct6N\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=qL6gDct6N_Q)> Acesso em: 19 nov de 2023.

CANÇADO, Maura Lopes. **Hospício é Deus: diário I**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

24

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. "louco". 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/louco>> . Acesso em: 03 de novembro de 2023.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la folie à l'âge classique**. Paris: Gallimard.1961.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

1992

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 27ª edição; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1975.

Filme: **Nise - o coração da loucura**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-m4F6HA1gyE>> Acesso em: 23 jun de 2023.

GARCIA, Marcos. **Programa Conexão Repórter sobre o Hospital Psiquiátrico Vera Cruz de Sorocaba**. 2012. Sequência disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u5ApvxAAzJs&t=0s>> Acesso em: 13 jun de 2023.

MACIEL, Silvana Carneiro. **Exclusão/inclusão social do doente mental/louco. Representações e práticas no contexto da Reforma Psiquiátrica**. Universidade Federal de Paraíba, sob orientação do Prof. Dr. Leoncio Camino. 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7014/1/arquivototal.pdf>> Acesso em: 03 nov de 2023.

PLENTZ, Renata Soares. **O papel da hospitalidade na busca de um outro turismo**. 2023. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-o-papel.pdf>>. Acesso em: 25 ago de 2023.

RATTON, Helvécio (direção). **Em nome da razão**. Quimera filmes, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cvjyjwI4G9c> > Acesso em: 10 ago de 2023.

SIEGLITZ, Anni. **Museu da loucura completa 25 anos**. FHEMIG. 2021. Disponível em: < <https://www.fhemig.mg.gov.br/noticias/2151-museu-da-loucura-completa-25-anos#:~:text=Inaugurado%20em%2016%20de%20agosto,da%20Loucura%20completa%2025%20anos.>>.

Acesso em: 16 nov de 2023.

25

SILVEIRA, Fernando. SIMANKE, Richard. **A psicologia em história da loucura de Michel Foucault**. Revista de Psicologia, v.21. jan/abr, 2009.